

Daniela Cabral

Instituto Politécnico de Setúbal

Enfermagem (3.º ano)

Livro: À Boleia pela Galáxia, Douglas Adams

Guia da galáxia para quem tem a sua casa ameaçada por uma auto-estrada intergaláctica

Inicia-se com um título inusitado que o torna intrigante e fá-lo saltar à vista de qualquer leitor - nem que seja pela sua capa que exhibe cores extravagantemente chamativas, enunciando, de certa maneira, o carácter de quem moldou uma obra-prima.

Aliás, devo dizer que, apesar de ser algo que puxa à ironia, à sátira e à comédia, em certa parte, as mensagens que detive desta obra são algo que propulsoras de reflexão - ou talvez eu apenas tenha tendência em analisar demasiado o que é simples.

O início do livro levou-me a franzir o sobrolho e questionar-me, realmente, os limites da imaginação deste autor pois a sua escrita é, deveras, intrigante, chamativa e que nos prende a cada pequena letra que teclou - ou delineou - há algum tempo atrás.

Quero com isto dizer que a maneira como construiu o início desta narrativa intergaláctica conferiu um toque doce e nostálgico à leitura - transportou-me, em tão poucas palavras, em tão simples frases, para o universo que imaginou e fez-me observar esta personagem inicial como se estivesse a olhar para um cartoon, algures nos meus tempos pré-adolescentes.

Para além disso, denotei uma leve crítica à sociedade atual que o autor conseguiu, tranquilamente e sem o tornar gritante (ou até ofensivo nos dias que correm), realizar à população terráquea: As tecnologias e a infelicidade que os humanos tendem a sentir - e sentiram quando o autor, cautelosamente, inscreveu toda uma descrição intemporal do que será esta população até à sua extinção (muito provavelmente causada única e exclusivamente por eles mesmos, não é irónico?).

Aliás, o facto deste mundo literário fictício se iniciar baseado na decisão de uma rapariga que nos é completamente estranha, de aproveitar a vida e o fazer tarde demais leva-nos, subtilmente, a imaginá-la a correr para o telefone e a deitar todos os seus anos por terra

devido a uma “terrível e estúpida catástrofe”. Curioso como se adivinha o futuro da espécie humana com um humor tão apurado.

O meu objetivo com este texto, ou crítica se assim for considerada, não é, de todo, analisar o livro página por página ou realizar uma introspeção acerca dos aspetos que o autor denota desde que um homem foi pregado a uma árvore por dizer aos outros para serem simpáticos - palavras do autor, não minhas (apesar de concordar, um derradeiro génio das palavras e comédia letra a letra); pelo contrário. Ambiciono abrir uma pequena fresta do que é esta obra e da sua imensidão (literalmente, estamos a falar de um enredo interestelar). Sem *spoilers*.

Arthur surge então na história como um terráqueo com uma valente ressaca que vê (e pensa), numa perspetiva inicial, amarelo. Sim, amarelo. E porquê, questionam-se? O autor arrisca-se a associá-lo às demolidoras que se estacionam em frente da sua casa enquanto esperam para a deitar abaixo. E porquê, questionam-se novamente? Porque a Terra precisa de mais vias rápidas! Aliás, arrisco a acrescentar que, tirando os relógios digitais que são obviamente parte do património mundial (já o eram em 1979 quando o célebre autor ordenou, cautelosamente, as necessidades do ser humano), as vias rápidas são quase que equiparadas a uma necessidade básica terráquea - a água já está a ser substituída por alcatrão, não deram conta? E o oxigénio pelos fumos de tubos de escape? Não repararam? Que cabeças na lua, ou devo dizer, no espaço?

Bem, de qualquer das maneiras, a via rápida parece não ser uma prioridade exclusiva dos descendentes dos macacos (nós, no caso) porque a “terrível e estúpida catástrofe” é nada mais, nada menos, que a dizimação do planeta Terra para dar lugar a uma auto-estrada intergaláctica; que irónico.

Provavelmente estão se a perguntar se o nosso querido Arthur foi dizimado juntamente com o planeta dos relógios digitais e, apesar de ter prometido que não daria *spoilers*, revelo que não - o nosso Arthur é um felizardo porque para além de ter travado, temporariamente, as demolidoras para manter a sua casa intacta, ainda escapou do seu planeta antes deste ser completamente destruído, graças ao seu amigo Ford - ou como se diz na Terra, graças ao homem que foi pregado a uma árvore por dizer aos outros para serem simpáticos.

E agora perguntam-se: Quem é o Ford? E eu revelo, mais uma vez, que o Ford se trata de um extraterrestre que veio visitar a Terra e se metamorfozou num falso ator de teatro

desempregado e, mais tarde, num super-homem (ou super-ET) que tornou Arthur o único ser humano vivo num raio de galáxias. Claramente que se trata do dia de sorte do Humano (trato-o assim porque, afinal de contas, só existe um vivo em todo o universo, portanto é fácil de o identificar) pois conseguiu ser salvo de um planeta em pó e ainda salvar a sua habitação. Em expressões terráqueas, devia jogar no Euromilhões.

Sem querer avançar muito no enredo que nos é apresentado pelo autor, Ford e Arthur viajam pelas galáxias que avizinham o planeta Terra (ou assim o era), tendo contacto com outras culturas, outros ET's, outras mentalidades, outras antenas, enfim.

Desconheço os termos intergalácticos mas sugiro que vocês, a próxima geração de seres terráqueos, tenham sempre convosco uma toalha (de algodão, para ser fofinha) e o best-seller interestelar "O Guia da Galáxia Para Quem Anda à Boleia" - provavelmente está esgotado em todas as livrarias no raio de três galáxias mas, não entrem em pânico, podem sempre adquiri-lo nos vossos relógios digitais ou, quem sabe, num ipod dourado.

Vemo-nos no Cosmos ou talvez apenas no próximo volume.